

VITORIANO BRAGA

TEATRO COMPLETO

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e fixação de textos de DUARTE IVO CRUZ

BIBLIOTECA DE AUTORES
PORTUGUESES



VITORIANO BRAGA

TEATRO COMPLETO

DE VITORIANO BRAGA

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e fixação de textos de DUARTE IVO CRUZ

Enquadramento Histórico do Teatro de Vitoriano Braga

O realismo surge no teatro português, como se sabe, em 1843 com Os Velhos de D. João de Câmara: sinais anteriores de maior importância, rigor e amplitude de discurso, ficam aquém da capacidade de abstração de parte de alguns de Câmara e de qualidade, aliás excepcional, de alguns Martins e Gonçalves.

Vitoriano, com um saber de experiência feito no exercício da profissão, não se contenta com a esta peça-prato e primordial do realismo português. A par das características que, praticamente até hoje, possuem mais de nós, procura, e consegue, marcar o realismo do teatro português sentido por ele, pela consciência dos conflitos, solidariedade interclassista, noção de progresso, interesse, empolamento, mesmo quando meramente implícito ou dimidiado, e docência, num sentido de descompromisso global da sociedade portuguesa.

Esta realidade constitui o eixo do teatro português contemporâneo, observando-se em um núcleo de os, derivos, variantes e alternâncias de estilo, de ritmo e conteúdo. O teatro português do século XX está longe de se limitar a uma única realidade, ou, se quisermos, realidade naturalista. Isso é claro porque, como se sabe, não há realidade da qual não se possam extrair, e extrair-se devem, as possibilidades da linguagem, as nuances modernas e, a partir de 1910, as influências do teatro épico de Brecht, do absurdo, do teatro de vanguarda, do teatro de guerra, que sejam, também, querham, influências e misturas de uma sólida tradição realista. Mas, a influência sobretudo do simbolismo deve ser notada na obra dramática de Braga, ou de influência sub-repente.

O dramaturgo Vitoriano Braga é o longo de uma dramaturgia breve e ainda por fazer, com uma peça perdida, reflectindo sobre a realidade social de feitura realista e, no entanto, das raças, com alguma clara influência do simbolismo.

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

OCTÁVIO

Para os outros

(VIN)

PREPARACENS

OCTÁVIO

Próspero

Cláudio

Máximo

Máximo

Cláudio

Comédico

ACTO PRIMERO

Uma sala não muito grande, intermediária. Parte de cima ao fundo, compondo
sala com o fundo de madeira à direita, uma porta larga, coberta de um tapete
de armas, que dá para a sala de baile. À esquerda, uma porta de madeira, com
as paredes, retratos a óleo de antepassados illustres. — A sala não deve ser
muito iluminada. Deve-se a sôfrega antes do pano subir.

Está no palco. Com o tempo forte, que está se movendo para a direita, como se se
alguns minutos depois.

de se mover com o tempo, com as mãos abertas, com o tempo forte, como se se
de se mover com o tempo, com as mãos abertas, com o tempo forte, como se se
de se mover com o tempo, com as mãos abertas, com o tempo forte, como se se

— Il te responde, mais primeiro de me com franqueza, Octávio, que
pensas de ma mãe?

Octávio — Mãe

OCTÁVIO

Peça em três actos

[1916]

PERSONAGENS

OCTÁVIO
GIL
RODRIGO
GRAÇA
MARQUÊS
MARQUESA
CONDE
CONVIDADO

ACTO PRIMEIRO

Uma sala não muito grande, luxuosíssima. Porta de arco ao fundo, comunicando com o jardim de inverno; à direita, uma porta larga, coberta de um reposteiro de armas, que dá para o salão de baile. Mobília rica e de muito bom gosto; pelas paredes, retratos a óleo de antepassados ilustres. — A cena não deve ser muito iluminada. Ouve-se o sexteto antes do pano subir.

(Há baile no palácio. É ao começo da festa, que decorre ainda com intimidade, vendo-se já alguns convidados no jardim.)

Gil, de pé, conversa com Octávio, que se tem estirado com elegância num sofá, entre almofadas, à direita da cena. — Octávio, sendo o mais correcto possível, deve no entanto deixar perceber, excepto para com Gil, a grande diferença que está persuadido existir entre si e todos.)

GIL — Já te respondo, mas primeiro diz-me com franqueza, Octávio, que pensas da mulher?

OCTÁVIO — Mal.

GIL — Falas como artista?

OCTÁVIO — Digo o que penso. Como artista, acho a mulher raras vezes estética.

GIL — E moralmente?

OCTÁVIO — Oh! moralmente, um escândalo ou então de uma virtude maçante... economicamente, um desfalque... intelectualmente, uma mi-séria!

GIL — Não pode dizer-se, com verdade, que as mulheres tenham em ti um amigo...

OCTÁVIO — Enganas-te, meu Gil! Sou amigo de muitas mulheres, quase nunca amante. Sinto que lhes peso... que as aborreço. Escutam-me quando falo, aplaudem-me quando toco, mas mostram-se sempre reservadas quando as desejo. Olham-me assim a modo de quem observa um animal curioso — um boi com três pernas ou outro aleijão qualquer; e, diga-se a verdade, falta-me a paciência para lhes vencer a repugnância. Se o interesse as não vence... vão-se em paz, tão virtuosas como quando as encontrei.

GIL — Artista e inteligente como és, estou certo, Octávio, de que serias o querido das mulheres, mas havias de dedicar-te um pouco mais ao seu cultivo. Quase lhes não falas, e, quando o fazes, chegas a ser até, por vezes, desagradável, sacrificando-lhes a vaidade a um dito de espírito. As mulheres nunca perdoam o espírito! É mais fácil perdoarem...

OCTÁVIO — Que lhes falem ao respeito.

GIL — Isso. És um cínico adorável!

OCTÁVIO — Lisonjeiro!

GIL — O que me admira, e o que está admirando a todos os rapazes que sempre conviveram connosco, é a pachorra que tu tens para suportar certos homens no teu convívio. Uns exploradores afinal, que nos roubam a tua companhia, e a ti o dinheiro.

OCTÁVIO — A fama de bem-estar, que nós, os ricos, disfrutamos, obrigamos, por delicadeza, a actos superiores à nossa paciência. A delicadeza faz parte da estética, por ela devemos ser um pouco mártires. Escorraçar os amigos que vivem do dinheiro que nos sobeja... confesso, não tenho coragem; fazê-lo seria, sem dúvida, de mau gosto...

GIL — Acho-te mudado.

OCTÁVIO — Cansado! Posso mesmo dizer: doente. Depois da pleurite nunca mais fui o mesmo homem. Mas adiante! Não tratemos das misérias físicas.

GIL — Devias tratar-te. Passas as noites em trabalhos que fatigam muito.

OCTÁVIO — Qual!

GIL — Sabes o que o médico disse, e teu pai bem to recorda, mas tu...

OCTÁVIO — Não fales em meu pai! Está detestável, como todos os homens de negócios!

GIL — Está bem! Que fizeste a noite passada?

OCTÁVIO — Estive no Refúgio.

GIL — Divertiste-te?

OCTÁVIO — Ao princípio da noite estive acompanhando aquele violinista italiano de quem te falei há dias. Diverti-me.

GIL — Tem valor esse rapaz?

OCTÁVIO — Pouca expressão, mas uma técnica e som maravilhosos!

GIL — Quem mais estava lá?

OCTÁVIO — O Chico, o Manuel e um amigo, tão estúpido como eles, que se lembrou de levar mulheres! Está claro, acabou-se a música; os guinchos das fêmeas eram superiores aos agudos do violino! Mandei vir *champagne*, com a pretensão de os adormecer, mas qual! Para quem está costumado a aguardente, o *champagne* é água pura. Sai com o italiano.

GIL — E eles?

OCTÁVIO — Lá ficaram.

GIL — A fazer o quê?

OCTÁVIO — Sei lá! Talvez amor, ou coisa parecida.

GIL — O que o Refúgio era e o que o Refúgio é! Desde que entrou lá a primeira mulher perdeu a feição artística. Estragou-se tudo!

OCTÁVIO — A primeira mulher que lá esteve, se bem me recordo, foi a Suze. Tinha um feitio arrapazado, era elegantíssima! Lembras-te?

GIL — Se me lembro!... Um encanto!



Esta edição
de *Teatro Completo* de Vitoriano Braga
foi composta e impressa nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 800 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Fevereiro de mil novecentos e noventa e nove

CÓD. 205 160 000
ED. 130 000 966
ISBN 972-27-0916-X

DEP. LEGAL N.º 127 451/98